



A FRONTEIRA EDUCADORA

Possibilidades de ensino de Geografia a partir da Tri Fronteira

Autores: Cleidimara Isabel Marques ANTUNES, Paulo Cezar de Oliveira BRIZOLLA, Eduardo Lopes STRUM

Identificação autores: Bolsistas voluntários no projeto de pesquisa COPE 0010/2015 IFPR. Orientador Marcos Bohrer – IFPR – Campus Avançado Barracão.

RESUMO

O trabalho objetiva analisar a fronteira como instrumento para o ensino de Geografia e a relação dos alunos, que estudam na fronteira, com o patrimônio histórico e geográfico. A área de estudo foi a região da Tri Fronteira, formada por de Barracão (PR), Dionísio Cerqueira (SC) e Bernardo e Irigoyen (Misiones, Argentina). Ao longo desses três municípios foram elencados elementos históricos e geográficos que possibilitem uma integração do conteúdo formal com a prática cotidiana. Percebe-se que, através da atividade de campo, um forte envolvimento dos alunos com o patrimônio histórico e geográfico.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O presente trabalho busca analisar as possibilidades de ensino de Geografia a partir da fronteira, bem como perceber a relação dos alunos com o patrimônio histórico e geografia dos municípios da Tri Fronteira (Barracão-PR, Dionísio Cerqueira-SC e Bernardo de Irigoyen-MNS-AR). Hoje, cada vez mais, a escola se distancia das relações sócio espaciais, estando pautada em uma prática conteudista, teórica e pouco prática. Especialmente a partir do processo de Globalização, surgido na década de 1980, que possibilitou o alcance para todas as coordenadas do tempo e espaço geográfico, materializado através das corporações e das empresas transnacionais, a Geografia passa a se preocupar a entender as ações desses novos agentes no espaço geográfico. Inicia-se a uma fase dicotômica da Geografia: Global X Local. Dessa forma, a ciência geográfica passa a pautar muito mais com a escala Global, buscando entender suas implicações. Nas aulas de Geografia não é diferente. Estudamos e entendemos tudo a partir do global. Com isso, a escala local, essa que ocorre aqui, a partir de ações que estão ao nosso lado, passam a ser negligenciadas.

Quando escutamos termo “fronteira”, especialmente entre dois países latinos, logo associamos a um estereotipo negativo: contrabando, descaminho, violência, sujeita, pobreza. Ver a fronteira como complexidade é abandonar a rotulação de

“isso é bom” e isso é “ruim”. Ela só é uma fronteira, oriunda de um continuum urbano formado por três cidades e dois países, porque tem tudo isso e tudo aquilo, e é papel do professor e da escola combater a visão da exclusão daquilo que não gostamos e não entendemos.

[...] o ensino de Geografia tem a função de lidar com a espacialidade e com o conhecimento geográfico de cada um para provocar neles alterações no sentido de uma ampliação. Isso é possível pela reflexão e pelo exercício de abstração propiciado com o tratamento de conhecimentos científicos. (CAVALCANTI, 1998, p. 135).

Esse processo exige um repensar sobre o fazer pedagógico do professor, tornando cada vez mais o ensino de Geografia uma formação humana e o conhecimento como uma produção coletiva entre estudantes e professores. Desta forma olhar para a cidade e seu patrimônio histórico e geográfico é entendê-la como um livro aberto onde o docente pode mergulhar com seus alunos.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, a pesquisa documental e a vista a campo. Primeiramente, revisou-se a bibliografia sobre o tema, buscando os principais aspectos e abordagem do tema bem como essa dinâmica pode auxiliar no cotidiano escolar. No segundo momento, na parte da pesquisa sócio histórica, buscou-se os documentos oficiais, jornais locais e demais bibliografias, aspectos que relatem a constituição da região dos três municípios. Na terceira parte, visitamos os pontos, demarcando-os e criando uma cartografia que possibilite sua identificação. A partir da cartografia foi produzir um roteiro para executar com os alunos. Para materializar esse roteiro, criou-se uma cartilha com uma breve apresentação dos pontos e imagem que ilustram os elementos da Tri Fronteira. Antes e após a realização do roteiro, aplicou-se entrevistas pré-estruturadas com os alunos, buscando estabelecer a metodologia da dialógica e da complexidade. O objetivo desse diálogo foi verificar, na prática, como eles enxergam a fronteira e os elementos do patrimônio histórico e geográfico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

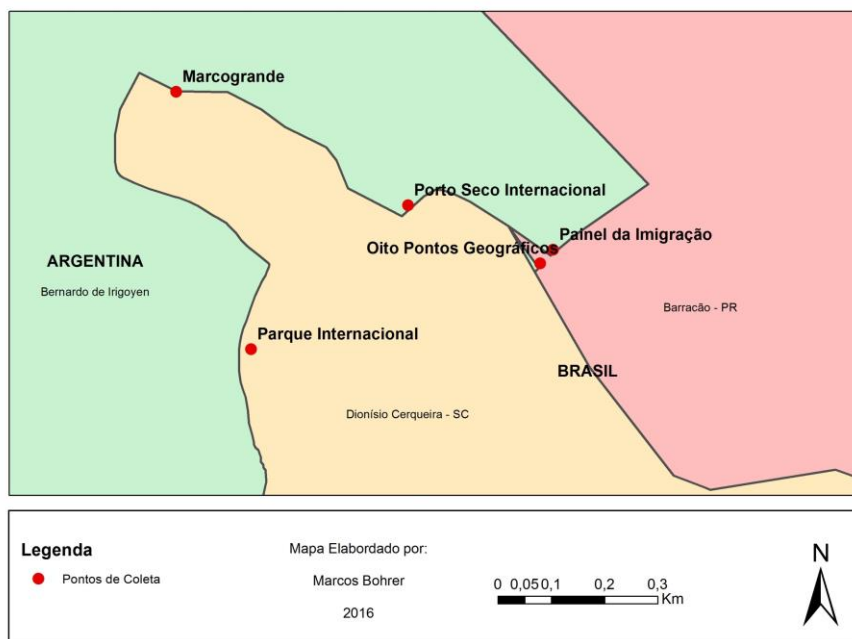
A proposta de trabalho iniciou com uma revisão bibliográfica e análise documental da região. Nesta etapa buscou-se conhecer um pouco mais da Tri Fronteira bem como os pontos que demonstram potencial para o ensino de Geografia. Logo após serem elencados os pontos a serem explorados, nos reunimos com um grupo de quatro alunos voluntários para realizar a saída de campo, buscando conhecer os pontos e coletar as coordenadas geográficas para a produção da cartografia.

sair da lógica estrita da disciplina teórica, que pressupõe a aprendizagem circunscrita à apresentação da teoria mais recente da pesquisa científica; superar a lógica do professor que sabe tudo e do aluno que vai “absorver” o conteúdo; buscar uma aprendizagem contextualizada [...] (CAVALCANTI, 2012, p. 105).

Nesse cenário, o trabalho de campo, surge como uma proposta que pode articular as disciplinas humanas, criando um elo fundamental para a educação básica. Assim, muito mais que transmitir conhecimento, o professor passa a pensar em projetos de intervenção na realidade educativa. Os agentes envolvidos no processo – professor e alunos - deve estar, ao longo de sua formação, voltados para as necessidades e possibilidade de entender e vivenciar a sociedade. É a geografia que entre pelos pés, possibilitando uma assimilação das distintas possibilidades que a fronteira nos proporciona em termos de conhecimento.

Com a construção das cartografias e através da saída de campo, foi possível construir uma cartilha para guiar o trabalho de campo. Na cartilha colocamos as imagens dos locais visitados e uma breve explicação dos pontos. Desta forma buscou-se materializar nossa saída de campo, criando um momento de interação e reflexão dos conteúdos estudados e o espaço urbano. Muito além de guiar a atividade de campo, a cartilha tem como objetivo auxiliar a prática de ensino de ciências humanas, especialmente em Geografia. Através dela o cotidiano dos jovens passa a ser relacionado com o conteúdo formal.

Figura 01: localização dos pontos explorados pelos alunos



Fonte: elaborado pelo autor.

Através desse trabalho foi possível perceber a integração dos alunos com o patrimônio histórico e geográfico, bem como as relações possíveis com o conteúdo. A íntima relação com a fronteira e, principalmente, a importância do trabalho de campo para a materialização do processo de ensino e aprendizagem é fundamental. É com o campo, vivenciando as relações com o espaço vivido que os conteúdos formais são assimilados. Com isso, as competências e as habilidades são compreendidas e transformadas em conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o ensino básico, acreditamos que o campo pode servir como um estímulo para a aprendizagem pois nele o aluno assume o papel de sujeito da construção do conhecimento. Sendo assim, o trabalho de campo acaba sendo imprescindível, especialmente na área das Ciências Humanas, uma vez que o estudante quebre a rotina e interage de maneira ativa no processo de aprendizagem, buscando relacionar o conteúdo forma com o espaço o qual habita.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção do conhecimento. Campinas, SP: Papiros, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O ensino de geografia na escola. Campinas, SP: Papiros, 2012.

KAERCHER, Nestor André. Das coisas sem Rosa uma delas é o Pessoa: as geografias do Manoel e do Nestor na busca do bom professor. TONINI, IM.; GOULART, L.B. ; MARTINS, R.E.M.W. ; CASTROGIOVANI, A.C.; KAERCHER, N.A. O ensino da Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: UFRGS, 2011. p.203-231.

_____. Desafios e Utopias no ensino de geografia. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

_____. Desafios e Utopias no ensino de geografia. In: CASTROGIOVANNI (et al). Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2010.

_____. Se a Geografia escolar é um pastel de vento o gato come a Geografia Crítica. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Ensinar a Viver - manifesto para mudar a educação. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. 1 ed. Porto Alegre: editora Meridional/Sulina, 2015.